

Amazônia: o prêmio e o alerta de Benchimol

“...considerar o homem como parte integrante deste bioma, desses ricos ecossistemas, conferindo-lhe o papel de condutor e líder do processo de avanço, e mudança do mundo que o cerca”.

Na sequência do projeto Pioneiros e Empreendedores do Brasil e o Estado do Amazonas, da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP), que está resgatando a história da economia da Amazônia, no século XX, seus empreendedores e protagonistas da resistência logo após o esvaziamento da economia da borracha, Samuel Benchimol, aquele entre os pioneiros que integrou a recomposição da esperança e encarou o desafio da prosperidade na região, voltou à USP, a academia de maior densidade na América Latina.

Aí ele já figura na galeria dos grandes pioneiros do Brasil, que conciliou o saber de seus mais de 115 títulos publicados e o empreender, na dialética do conhecimento com a pertinácia da geração de riqueza e oportunidades. Dessa vez, no Seminário Amazônia: Cenários, Pioneiros e Utopias, o objeto de discussão se deu em torno de Novas Matrizes Econômicas, a partir das lições do pioneirismo na região. Na pauta dos debates, às lições de Samuel Benchimol juntaram-se a saga de Isaac Benayon Sabbá, Petronio Pinheiro, Cosme Ferreira, Antônio Simões, Mário Guerreiro, Moyses Israel, entre outros, que cravaram na história da Amazônia o próprio espaço de prestígio com seu legado empreendedor.

Pela sua importância, o evento se inseriu nas atividades do Programa de Pós-Graduação sobre Pioneirismo Brasileiro, daquela instituição, sob a batuta do professor Jacques Marcovitch, e cumpre o objetivo estratégico de reduzir a distância entre economia e academia, uma equação necessária à escassez de mão de obra em diversas áreas do setor produtivo brasileiro, desde a gestão e liderança, à inovação e ciências aplicadas.

Adicionalmente, o evento focou na maior integração entre dois estados com histórias de similaridades na economia e na história, Amazonas e São Paulo. O curioso nessa incursão da memória do pioneirismo, para jogar luzes no presente e no planejamento de novos cenários, é revisitar a formação econômica de um estado que recebeu, na consolidação do Ciclo do Café, a migração de investimentos que deixaram a Amazônia com a *debacle* do Ciclo da Borracha, há cem anos.

A história é discreta a respeito, atestando o desconhecimento e distância do Brasil desse Brasil amazônico, que representa dois terços de seu território. Daí a relevância de recuperar a memória para justificar essa brasilidade cúmplice que se impõe e que precisa tornar-se mais ainda robusta pela via do conhecimento da história integral e integrada e da geografia humana.

Gilberto Freyre, ao concluir a leitura de *Formação Social e Cultural da Amazônia*, de Samuel Benchimol, se deu conta que ali estava mais do que um ensaio sobre a história de uma Amazônia distante, que os compêndios escolares ignoram, mas de uma obra abrangente e obrigatória para o Brasil. “Uma empolgante leitura, um estudo monumental da Amazônia (...) que dá ao saber a dimensão magnífica da sabedoria, e a seu caráter de obra clássica, a modernidade do arrojo futuroológico”.

A USP debate o Amazonas, por intermédio da obra de Samuel Benchimol, já há algumas décadas. Em 1992, quando o mundo decidiu escolher o Brasil para analisar a questão climática, na relação entre desenvolvimento e meio ambiente, os países poluidores trataram de escolher as supostas queimadas da Amazônia como o “bode expiatório” do aquecimento global.

Naquela ocasião, a Universidade promoveu o Seminário sobre Alternativas de Desenvolvimento Sustentável na Amazônia, no qual Samuel, conferencista no Fórum Global, apresentou as teses de sua *Guerra na Floresta*, obra em que antecipou as premissas da sustentabilidade de empreender na região, hoje aceitas por investidores e ambientalistas como parâmetro a seguir.

“O mundo amazônico não poderá ficar isolado ou alheio ao desenvolvimento brasileiro e internacional, porém ele terá que se autossustentar em quatro parâmetros e paradigmas fundamentais: isto é, ele deve ser economicamente viável, ecologicamente adequado, politicamente equilibrado e socialmente justo”.

E foi esse o mote que perpassou o debate acadêmico, no qual a Amazônia surge como referência norteadora de sustentabilidade, na premissa de satisfazer urgências contemporâneas sem afetar as gerações que virão. Referência do século XXI, a região exige a vertente científica que agrega valor aos produtores da nutracêutica, a indústria do rejuvenescimento, com os produtos naturais da Amazônia. A bioindústria se prepara para ocupar espaço e novos rumos para adensar, diversificar e interiorizar a economia na região. A ideologia do preservacionismo, da intocabilidade da floresta, é uma forma de desrespeitar as pessoas que habitam esse bioma. A despeito das infinitas possibilidades

da biota, o Amazonas tem 11 municípios entre os 50 piores do país em desenvolvimento humano.

As lições dos pioneiros apontam para o manejo inteligente dos recursos locais, a alternativa correta e eficiente de conservar a natureza e desenvolver capacidades e aptidões das pessoas. A melhor forma de preservar um bem, dizem os sábios, é atribuir-lhe uma função econômica. A Amazônia, com sua extensão e biodiversidade, abriga a resposta para a maioria das perguntas que a ciência tenta responder hoje, na medicina, na agricultura, nas fontes energéticas e na equação enigmática entre crescimento econômico e recomposição dos estoques naturais.

A Amazônia, desse ponto de vista, é “cérebro do mundo”, especialmente se considerada no âmbito de sua amplitude continental. E isso remete à produção e aplicação de conhecimentos e tecnologias no tratamento de sua biodiversidade. Só assim faz sentido preservar a floresta, oferecer oportunidades que assegurem manter em pé a dignidade das pessoas, de todas as pessoas. Este é o alerta e a razão do prêmio Samuel Benchimol.

Alfredo M. R. Lopes

Professor, escritor, filósofo e ensaísta